

RETINOPATIA DA PREMATURIDADE É GRAVE RETINOPATHY OF PREMATURITY IS SERIOUS DISEASE

Francisco Eudison da Silva Maia*

A Retinopatia da Prematuridade (ROP) apesar de ser uma enfermidade pouco conhecida pela sociedade brasileira em geral, afeta diversos recém-nascidos em todo mundo, sendo uma das principais causas de cegueira prevenível da infância, chegando a atingir proporções epidêmicas em vários países latino-americanos, incluindo o Brasil.¹

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria, a Retinopatia da Prematuridade é uma enfermidade vasoproliferativa secundária à vascularização inadequada da retina imatura dos recém-nascidos prematuros (RNP), devido os seus olhos não estarem ainda completamente formados.² Em síntese, se dá devido ao crescimento anormal dos vasos sanguíneos da retina, o que pode resultar em sua fase final na formação de cicatrizes, descolamento da retina, glaucoma, catarata e até atrofia de ambos os globos oculares.³

Estudos realizados fora do Brasil nos revelam dados assustadores. Conforme Filho,² entre 1986 a 1987, nos Estados Unidos, foram monitorados 4.099 crianças, onde se constatou que 81,6% das crianças nascidas com menos de 1.000 gramas apresentaram ROP.³

Em 2002, na Suécia, foi publicado o aparecimento da ROP em 25,5% das 392 crianças estudadas em Estocolmo, a capital e maior cidade daquele país.

Na França, em um estudo desenvolvido entre os anos de 1997 e 1999, publicado em 2004, demonstrou que 46 dos 502 RNP desenvolveram esta enfermidade.³

Entre 1989 e 1997, em uma pesquisa avaliativa retrospectivamente em dados do *John Dempsey Hospital da University of Connecticut School of Medicine* (Estados Unidos), foram analisados dados de 950 RNP, onde foi encontrado um percentual de 21,3% de ROP.³

Nos Estados Unidos, especialmente no estado de Nova Iorque, durante o período entre 1996 até 2000, foram identificados 10.596 RNP com ROP. Este estudo foi publicado em 2004.³

No Brasil, em uma pesquisa realizada entre os anos de 1992 e 1993 mostrou que de um total de 202 RNP nascidos com menos de 1.500 gramas, 29,09% apresentavam ROP, o que conforme o autor destes dados esta enfermidade deveria demandar maiores cuidados nos programas de triagem.³

Porém, apesar da grande incidência destes comprometimentos nos RNP em nível mundial, infelizmente

ainda é difícil determinar o número atual de crianças com deficiência visual ou cegueira em decorrência da ROP, principalmente no Brasil, como também, infelizmente não há nenhum programa de diagnóstico ou tratamento em nível nacional.² O que ainda reluta para permanecer ativo são somente algumas iniciativas isoladas em algumas unidades públicas e privadas, que utilizam diferentes critérios de diagnóstico e tratamento, complicando ainda mais os diagnósticos e dados estatísticos.²

Neste diapasão, a Sociedade Brasileira de Oftalmologia Pediátrica faz duras críticas ao colocar que é necessário aprimorar, incentivar, promover e difundir estudos e pesquisas em oftalmologia pediátrica dados a este fim. Finalizando, argumentando que é necessário melhorar a qualidade dos cuidados oculares na infância, sendo urgente o estabelecendo de padrões na propedêutica e métodos de tratamento.⁴

Enfim, proteger a saúde ocular dos recém-nascidos, patrocinando ou apoiando ações preventivas em grande escala, deveria ser prioridade nos quatro campos do Brasil.

REFERÊNCIAS

1. Fortes Filho JB, Barros CK, Costa MC, Procianny RS. Resultados de um programa de prevenção da cegueira pela retinopatia da prematuridade na Região Sul do Brasil. *J Pediatr* (R Jan). 2007;83(3):209-16.
2. Sociedade Brasileira de Pediatria. Prevenção de cegueira infantil causada por retinopatia da prematuridade - estratégia de exame e critérios de triagem [Internet]. São Paulo: CBO; 2004 [acesso em 5 de maio de 2014]. Disponível em: http://www.sbp.com.br/show_item2.cfm?id_categoria=22&id_detalle=1825&tipo_detalle=s.
3. Fortes Filho JB. Retinopatia da prematuridade. *Rev Bras Oftalmol*. 2006;65(4):246-58.
4. Sociedade Brasileira de Oftalmologia Pediátrica [Internet]. São Paulo: SBOP; c2013 [acesso em 5 de maio de 2014]. Disponível em: <http://www.cbo.com.br/cbo/sociedades/pediatria/index.htm>.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 17, n. 4, p. 247, 2015

* Acadêmico do curso de Fisioterapia - Universidade Potiguar - UNP, Campus Mossoró.

Recebido em 5/5/2014. Aceito para publicação em 9/6/2015.

Contato: eudisonmaia@yahoo.com.br